

Jornalismo colaborativo e de gênero

A cobertura da covid-19 no brasil

SUZANNE BORELA

Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria
suziborela@gmail.com
/0000-0002-3739-9081



pandemia do Coronavírus descortinou diversos problemas vivenciados pela sociedade brasileira. Para o jornalismo, isso quer dizer que novas pautas passaram a figurar. Com o objetivo de analisar as narrativas em perspectiva de gênero no contexto da covid-19, neste trabalho dedico-me a analisar uma cobertura específica, com narrativas feministas e interseccionais – a *Especial Covid-19*, coordenada pela organização de mídia independente *Gênero e Número*.

O projeto foi escolhido por aparentemente se diferenciar da cobertura jornalística da pandemia do Coronavírus proposta pela mídia hegemônica, ao propor uma perspectiva feminista e interseccional na configuração narrativa do acontecimento em questão. O desafio do jornalismo em perspectiva de gênero é ampliar suas lentes para que consiga refletir sobre as consequências e impactos desse acontecimento nas relações de poder e desigualdades que atinge tantas mulheres no âmbito brasileiro. Romper com a objetividade no jornalismo, indica Harding (2009), e apostar em um ponto de vista feminista¹ para que as diferentes experiências, especialmente as subalternas, façam parte da construção do conhecimento, pode ser um caminho produtivo e potencial para transformar as narrativas e práticas jornalísticas contemporâneas na cobertura de eventos limites, como foi o caso da pandemia do coronavírus. Assim sendo, “objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (Haraway,

Pour citer cet article

Référence électronique

Suzanne Borela, « Jornalismo colaborativo e de gênero: A cobertura da covid-19 no brasil », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 14, n°1 - 2025, 15 juin - june 15 - 15 de juno. URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v14.n1.2025.554>



1995, p.18), tais como os que buscam apresentar a cobertura em análise neste trabalho.

No caso do jornalismo, os profissionais possuem um modo direcionado de ver o mundo, a partir das regras e convenções do próprio campo. Ao subverter esse olhar restrito a valores e normas cristalizados, novos modos de apreender a realidade e construir conhecimento a partir do jornalismo tornam-se possíveis. Ao sugerir a subjetividade como categoria necessária para prática jornalística, reforça-se que ela “possui uma potência transformadora/reparadora que pode ajudar a empreender movimentos urgentes no pensar e no fazer jornalísticos” (Moraes & Veiga da Silva, 2019, p. 16). Do ponto de vista das narrativas de pautas feministas, argumenta-se que “ao propor ampliar os olhares e vozes, se valoriza o potencial do jornalismo feminista, demonstrando que os temas trazidos impactam de diferentes formas a vida de distintas mulheres” (Costa, 2018, p. 195). Em acontecimentos a pandemia do Coronavírus no contexto brasileiro, pensar o engendramento de categorias, como raça, classe e gênero, por exemplo, é essencial para conseguir avaliar e refletir sobre os problemas e as consequências desse fenômeno para diferentes sujeitos.

Diante de tais questões, este trabalho tem como objetivo compreender a produção jornalística em perspectiva de gênero sobre a pandemia, mostrando algumas particularidades e possibilidades ao focar em uma cobertura diferencial: a das organizações independentes. Para identificar quais temáticas ajudam a construir a narrativa da cobertura especial Covid-19 sobre o Coronavírus no Brasil, quais estratégias comunicativas estão presentes na configuração narrativa e quais problemáticas de gênero ganham destaque, usa-se uma pesquisa combinada, de primeira fase quantitativa, com a coleta das reportagens, a sistematização e contabilização de ocorrências temáticas das mesmas; e segunda fase qualitativa, que segue os passos metodológicos da *Análise feminista da narrativa jornalística*, (Borela, 2022).

Sendo assim, o presente trabalho inicia com considerações sobre a crise sanitária mundial - a pandemia do Coronavírus. Depois, discute-se a iniciativa de um grupo de organizações independentes de jornalismo para a produção de informação colaborativa, coletiva, com foco em gênero e interseccionalidades, sobre a pandemia, a Cobertura Especial Covid-19.

Por fim, expõe-se os principais resultados da análise da narrativa sobre a pandemia do Covid-19, refletindo sobre como a perspectiva feminista e interseccional atravessa as histórias contadas por essa produção jornalística, e pode contribuir com um novo modo de pensar e fazer jornalismo, propondo novas possibilidades à prática.

O JORNALISMO BRASILEIRO NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Em fevereiro de 2020 o Brasil vivenciou o primeiro fato diretamente ligado ao Coronavírus. Desde o início, o vírus ganhou a atenção de muitos veículos de comunicação nacionais, que acompanhavam sua evolução no mundo e sua chegada ao Brasil. Em 11 de março do mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia mundial do Coronavírus. No dia 12 de março de 2020 o Brasil registra o seu primeiro óbito: a diarista Rosana Urbano, de 57 anos, moradora de uma das regiões mais pobres de São Paulo.

Neste contexto, a cobertura jornalística ganhou novos olhares e trouxe para suas narrativas diferentes abordagens de pautas e campos problemáticos existentes, mas também jogou luz aos problemas que vinham surgindo frente à crise sanitária que se instaurou no país. Segundo Ribeiro (2020, np.), as mídias tradicionais retomaram seu protagonismo a partir da cobertura jornalística da pandemia, recuperando também o caráter de confiabilidade das notícias. Esse acontecimento extremo reforça regras e conhecimentos básicos do campo do jornalismo necessários para a sua cobertura, mas principalmente provocou os profissionais. A pandemia do Coronavírus não foi apenas uma crise sanitária a ser narrada pelo jornalismo, pois ela atravessou os campos social, econômico, jurídico, ambiental e toda complexidade que o fenômeno instaurou no país, especialmente levando em considerando as singularidades e a diversidade social característica do Brasil

Do ponto de vista do discurso jornalístico, informações como o número de óbitos, de casos confirmados, a ocupação crescente nos hospitais, os valores e recursos destinados às ações de enfrentamento da doença são essenciais para a construção de notícias e reportagens, e para a compreensão da pandemia por parte da população que acompanha sua evolução. Aos poucos, jornais e portais noticiosos foram percebendo que por trás dos números há pessoas, existiam histórias, vivências e experiências diferentes, que não podiam ser generalizadas e suas consequências apresentadas como absolutas para a população brasileira.

A cobertura da pandemia trouxe ao jornalismo uma grande oportunidade não só de encarar os problemas do país, como também de encontrar formas originais para debatê-los e enfrenta-los. É seguindo essa perspectiva, de transformação e novas visadas narrativas, que se optou por observar uma iniciativa de produção de informação colaborativa, a *Covid-19: cobertura especial*, que privilegiou o enfoque de gênero e suas interseccionalidades. O projeto foi uma iniciativa da *startup Gênero e Número*, e conta com a partici-

pação de *Revista AzMina*, *data_labe* e *Énois*. A cobertura teve como foco a produção de informação sobre a pandemia a partir de categorias sociais, como classe, gênero e raça. Assim, este trabalho tomou como base para análise os conteúdos produzidos e divulgados por essa iniciativa durante o primeiro ano da pandemia do Coronavírus no Brasil, no período de março de 2020 a março de 2021, totalizando 49 reportagens.

A COBERTURA JORNALÍSTICA COLETIVA E COLABORATIVA DA ESPECIAL COVID-19

A produção jornalística independente no Brasil não é uma prática recente, mas é inegável que tais iniciativas passaram a ter mais visibilidade com os avanços tecnológicos e a difusão online. Há uma emergência de veículos alternativos digitais que buscam uma transformação, tanto nas práticas de produção como no resultado final, ou seja, a própria notícia. O conceito de jornalismo independente vem figurando como objeto de estudo de diversas pesquisas no campo da comunicação. Não há, contudo, uma definição consensual sobre a prática, mas sim reflexões que indicam quais as diferenças e modos de configuração desta forma de jornalismo.

Silva (2017), ao olhar especificamente para o fenômeno do jornalismo independente no Brasil, delimita uma forma para essa prática, em relação aos seus conteúdos. Destaca um conjunto de bandeiras, valores e compromissos éticos específicos, como direitos humanos, direito à cidade, pluralidade, igualdade de gênero, questão racial, democratização da mídia, empoderamento feminino e até uma crítica à globalização. [...] Já Patrício e Batista (2017) entendem a independência dos nativos digitais justamente pelo viés da independência econômica, a partir da sua autossustentabilidade, e também por não possuírem vínculo com os grandes grupos midiáticos. (Oliveira, 2021, p.100)

A produção jornalística independente, muitas vezes viabilizada através do financiamento coletivo (ou *crowdfunding*), possui o caráter investigativo como característica essencial, além de ser, em grande maioria, regionalizada e tematizada. A perspectiva de gênero (e interseccionalidades como raça e geração, por exemplo), e as reflexões levantadas pelos movimentos feministas, influenciaram o surgimento de alguns portais noticiosos e iniciativas de mídia.

Ao refletir sobre as propostas de discursos localizados, baseados em práticas discursivas que possuem sua maneira própria de dizer algo, entende-se que “veículos jornalísticos com perspectiva de gênero constroem

diferentes leituras afirmadas nas escolhas que envolvem o processo de produção, como as questões dos valores-notícia, as subjetividades e o próprio fazer jornalístico” (Schander & Bertasso, 2019, p.1). Na busca por abalar as normas e regras hegemônicas do campo, que criam desigualdades ao desconsiderar as reflexões sobre as questões identitárias e de gênero, surgem novos posicionamentos no modo de fazer jornalismo, especialmente no meio digital. Exemplo disso foi a cobertura Especial Covid-19. *Gênero e Número*, *Revista AzMina*, *data_labe* e *Énois* se uniram nessa iniciativa para realizar uma cobertura jornalística com foco em gênero e suas interseccionalidades.

Segundo informações de apresentação do projeto, o objetivo era colocar no centro das discussões “questões que sejam de amplo interesse público – uma vez que essas mulheres são a maior parte da população brasileira – e que, por ora, ainda estão fora da cobertura da grande imprensa, onde a prioridade é o debate sobre saúde pública” (Covid-19 - Cobertura Especial, 2020, online). As produções foram publicadas nos sites de *AzMina*, *data_labe*, *Énois* e *Gênero e Número*. Giulliana Bianconi, Cofundadora e Diretora da organização, destacou que a Cobertura Especial foi uma iniciativa da *G&N* (2020, entrevista à autora). Considera-se, portanto, que *Gênero e Número* esteve à frente da cobertura.

Deste modo, optou-se por seguir a linha cronológica do acontecimento pandemia do Coronavírus, a partir da Cobertura Especial, tendo como base para a construção do *corpus* as 49 reportagens publicadas no site de *G&N*, de março a agosto de 2020. Deste modo, o olhar para cobertura da pandemia é também um recorte, ou seja, observa-se esse projeto em um momento e com um foco específicos.

A prática jornalística por trás da cobertura especial

A *Gênero e Número*, uma organização de mídia independente de jornalismo de dados com enfoque em gênero, surgiu em 2016 com o propósito de dar visibilidade às questões que considera relevante para o debate sobre a equidade de gênero, tendo como “carro chefe” o jornalismo orientado por dados, com bases construídas ou abertas, organizadas pela equipe de profissionais da mídia independente. De acordo com Guilherme et al (2019), dados como os obtidos e apresentados pela organização podem ajudar a subsidiar a construção de políticas públicas no país. A produção de conhecimento da *Gênero e Número* “vem contribuindo para o combate à invisibilidade não só de dados, como também de estratégias que favorecem a emergência de soluções coletivas para problemas vividos na esfera individual” (Guilherme et al, 2019, p.275). Ainda, a utilização das plataformas midiáticas no processo de disseminação das

narrativas em perspectiva de gênero e comprometida com o enfrentamento das desigualdades é também um processo de alfabetização midiática e um movimento de reinvidicação de voz às mulheres antes silenciadas. A construção de toda a Cobertura Especial é colaborativa, e envolve profissionais de outras organizações de mídia. São elas:

A) *Revista AzMina*: uma fonte de informação feminista independente. Liderado pela ONG *AzMina*, busca empoderar mulheres através do debate cultural e informacional, destacando violências enfrentadas por mulheres brasileiras. *AzMina* foca em jornalismo investigativo e abordou o impacto do Coronavírus na saúde pública, considerando gênero, raça e território.

B) *data_labe*: um laboratório de dados estabelecido em 2015 como uma iniciativa autônoma do “Observatório de Favelas” e da “Escola de Dados”. Seus três principais eixos são jornalismo, formação e monitoramento e geração cidadã de dados, visando produzir narrativas diversas sobre a cidade e seus habitantes.

C) *Énois*: uma Escola Livre de Conteúdo Jovem que usa jornalismo para envolver jovens em suas comunidades. Iniciada como trabalho voluntário, a *Énois* foi formalizada em 2012, oferecendo educação em jornalismo para estudantes do Ensino Médio.

A PERSPECTIVA DE GÊNERO E FEMINISTA NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS INDEPENDENTES

O potencial da narrativa contribui para que um novo modo de tecer histórias interfira na prática jornalística, dando espaço às vozes invisibilizadas, que geralmente não aparecem no modelo hegemônico e tradicional de jornalismo. Por isso, neste trabalho aposta-se, sobretudo, em um ponto de vista feminista (Harding, 2009), acreditando que deste modo as diferentes experiências possam fazer parte da construção do conhecimento, e de que sua aplicação em narrativas jornalísticas pode construir um caminho produtivo e potencial para transformar as práticas atuais.

Para a análise quantitativa, considerou-se os conteúdos publicados de março de 2020 a março de 2021, compartilhados pela *G&N* na aba “Especial Covid-19”. No período indicado, foram contabilizadas 49 reportagens com foco em gênero, raça, classe social e territorialidades, construídas com base de dados, fontes, recursos de linguagem e temáticas que contextualizam as experiências coletivas e individuais de cada personagem ou problema em questão, e das quais emergem estratégias narrativas importantes que ajudam a configurar a cobertura especial como uma produção jornalística feminista e interseccional.

A metodologia utilizada foi construída seguindo os movimentos do quadro da Análise feminista da narrativa jornalística (Borela, 2022), uma proposta inspirada nos passos metodológicos da Análise Pragmática da Narrativa de Luiz Gonzaga Mota, e ancorada nas principais contribuições teóricas e epistemológicas feministas. Em especial, no conceito de interseccionalidade, criado por Kimberlé Crenshaw. Ao colocar o termo em evidência, a autora possibilitou a compreensão de que é a combinação das categorias estruturantes, como gênero e raça, que coloca as mulheres em situação de vulnerabilidade.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2004, p. 177)

Portanto, o circuito da metodologia utilizado na fase qualitativa e apresentado neste trabalho conta com três movimentos: o primeiro diz respeito à identificação dos eixos temáticos da narrativa. O segundo analisa narrativamente quais são as estratégias comunicativas utilizadas – que podem ser de identificação (dimensão da produção) ou posicionalidade (dimensão de interpretação). Por fim, são reconstituídos os campos problemáticos expostos pela produção jornalísticas.

Após identificar quais são os principais temas abordados pela cobertura, a análise narrativa das estratégias comunicativas visa capturar a presença ou não de marcadores da experiência das narradoras a partir da sua posicionalidade na pré-figuração textual, como a tomada de decisões sobre escolhas de pauta, fontes e escolhas temáticas das histórias narradas; e na identificação gerada a partir dos recursos linguísticos mobilizados que, na dimensão da interpretação textual, despertem sentimentos, sentidos e significados, acionados em uma perspectiva interseccional.

Sendo assim, buscou-se desvendar dois grandes campos estratégicos. O primeiro diz respeito às estratégias de posicionalidade, divididas em: *a) Autorreferência*: acionada principalmente como autovalidação, ou seja, como modo de legitimar uma posicionalidade e atuação frente às questões esclarecidas e nomeadas; *b) Territorialidade*: o potencial do uso dessa estratégia é o poder de acionar outros marcadores sociais ao indicar localizações, não apenas nomeando lugares, mas refletindo sobre eles a partir de suas características culturais, sociais e temporais; *c) Escolha das fontes*: indica dois tipos de fontes principais

Figura 1 - Quadro metodológico



Fonte: elaboração própria, 2022.

que realizam ações na narrativa – as especializadas e as testemunhais. Com essa estratégia, a narrativa dá voz e visibilidade à mulheres de periferia, negras, que viveram violência doméstica, mães solas, que participam de coletivos, ongs e iniciativas, e profissionais de diversas áreas de atuação, como professoras de universidades, pesquisadoras, e etc.; *d) Denúncia:* ao acionar essa estratégia, a narrativa atua como espaço de visibilidade de questões problemáticas e ignoradas nos discursos sociais e políticos, e principalmente como espaço de escuta de denúncias recebidas pelas fontes; *e) Mediação e trânsito de informação:* tem como objetivo trazer de forma simples e clara – integrando recursos textuais e visuais –, informações que são direito dos cidadãos, especialmente situados em comunidades periféricas; *e) Orientação pedagógica:* discurso com objetivo de orientar às mulheres que encontraram diferentes e diversas dificuldades, aspirando, portanto, transformações em uma determinada realidade, característica do agir feminista.

O segundo leque de estratégias está situado no campo da identificação e manifesta-se em dois momentos: *a) Apelo à emoção:* contribui para esclarecer determinados fatos e evidenciar pontos de vista diferentes. Os relatos testemunhais que expressam subjetividades a partir desse apelo geram efeitos emocionais que ilustram as experiências e convocam o reconhecimento a partir de situações, temporalidades e problemas específicos; *e b) Acionamento do desabafo:* falas que se aproximam do caráter denunciativo, mas que assumem o compromisso de ressignificar o imaginário social sobre determinadas temáticas a partir de relatos

que envolvem sentimentos, emoções, descrição de territórios e situações específicas. A partir dos desabafos os conflitos são revelados e dão a conhecer a realidade a partir dos relatos do vivido.

Após identificadas as estratégias, é possível reconstituir os campos problemáticos que apresentam uma potência mobilizadora em relação ao acontecimento, e que são intensificados a partir dele. Quando se conectam, os campos problemáticos proporcionam reflexões mais complexas sobre o acontecimento em questão, que acabam inseridas na agenda midiática e na sociedade em geral. Também aqui posiciona-se tais campos em uma perspectiva interseccional, ou seja, refletindo de que modo os problemas expostos, sejam eles já existentes ou ressignificados, são complexificados quando categorias sociais diferentes se engendram.

O quadro metodológico proposto ajuda a desvendar as estratégias que configuraram narrativas em perspectiva de gênero e feministas, e suas interseccionalidades, na cobertura jornalística da pandemia do Coronavírus no Brasil em questão.

Histórias compartilhadas e narrativas interseccionais: os diferenciais da Cobertura Especial Covid-19

A Especial Covid-19 apresentou a narrativa da pandemia com foco em cinco grandes temas. Quando narrou as *desigualdades e vulnerabilidades*, a cober-

tura apresentou os impactos da pandemia na vida de mulheres desempregadas, periféricas e de populações vulneráveis, como povos indígenas e LGBTQ+, pontuou a ausência de dados de raça relacionados à covid-19 e destacou as ações positivas, como o papel de lideranças femininas e comunitárias. No eixo temático sobre *trabalho*, a narrativa deu destaque às profissionais na linha de frente do combate ao coronavírus, à informalidade do trabalho doméstico, às condições precárias de trabalho para mulheres, à desigualdade social e racial na distribuição de bolsas de pesquisa e entre as docentes de ensino superior. A narrativa sobre *saúde* esclareceu as principais dúvidas de gestantes durante a pandemia, debateu os impactos do isolamento sem suporte psicológico para mulheres encarceradas, e apresentou reportagens sobre aborto e direitos reprodutivos. O eixo temático sobre *maternidade* demonstrou o ativismo de mulheres durante a pandemia, relatou as dificuldades acadêmicas para mães e mulheres negras frente ao trabalho remoto, e a realidade de mães solas e mulheres chefes de família. Por fim, os conteúdos sobre *violência contra a mulher* trouxeram informações sobre violência doméstica e redes de apoio às mulheres, bem como relatos pessoais das personagens e testemunhas, os quais mobilizam diferentes sentidos e sentimentos na narrativa.

O projeto fez uso de estratégias de posicionalidade, que demonstram os pontos de partida das organizações e dos profissionais envolvidos para as abordagens temáticas de cada eixo; e de identificação, com relatos de experiências que buscaram o reconhecimento. Uma das estratégias utilizadas na composição das reportagens foi autorreferência, revelando características que dizem respeito a como a cobertura em si se coloca frente aos temas que discute, considerando, sobretudo, como a experiência das jornalistas influenciam e/ou modificam o processo de produção dos conteúdos. Acionada principalmente como autovalidação, a estratégia é direcionada às suas leitoras/es, ou seja, como modo de legitimar sua posicionalidade e atuação frente às questões esclarecidas e nomeadas.

A Gênero e Número mapeou iniciativas de ajuda a mulheres que sofrem violência doméstica durante o isolamento social causado pela pandemia de covid-19. São serviços gratuitos — públicos ou oferecidos por organizações civis — de acolhimento, atenção psicológica, atendimento jurídico, canal para denúncias, entre outros. *A ferramenta será atualizada constantemente com outras iniciativas.* (Gênero e Número, Cobertura Especial Covid-19, 30/04/2020)

A estratégia de denúncia trouxe como ponto central a ação de expor situações, tanto pelo discurso das

organizações do projeto quanto pelas vozes da narrativa. Entre as principais questões levantadas e caracterizadas como denúncias, estão a falta de ações dos governos federais e estaduais direcionadas às comunidades periféricas, indígenas, quilombolas e LGBTQ+; as dificuldades enfrentadas pelas profissionais de saúde devido à falta de estrutura de sistemas de saúde e da instabilidade dos protocolos de enfrentamento desenvolvidos; a falta de equipamentos e materiais em hospitais e unidades de atendimento, e a ausência de treinamentos e assistência psicológica para profissionais que atuam na linha de frente.

As condições de trabalho que sempre foram precárias pioraram nesse período com a exposição: é falta de insumos, de limpeza, higienização dos espaços. Temos um Cras (Centro de referência de assistência social) que ficou sete dias sem limpeza e higienização do espaço físico’, denuncia à Gênero e Número um grupo de profissionais que não quer ser identificado. (Gênero e Número, Cobertura Especial Covid-19, 10/06/20)

A territorialidade também aparece como estratégia potente, que não apenas fala de geolocalizações relegadas às margens, mas atua como elo entre marcadores constituintes das realidades narradas.

Pacoval fica a cerca de 60 km do centro de Alenquer, com necessidade de barco e mais um caminho por uma estrada “terrível”. De Alenquer até Santarém são mais de 80 km. Ou seja, se um membro de alguma das 400 famílias do quilombo adoecer e precisar de cuidados mais intensos, precisa se deslocar por, no mínimo, 140 km. Essa distância, conta Edilton Pacoval, uma das lideranças quilombolas da comunidade, é fundamental para que o lugar crie e fortaleça suas próprias medidas de prevenção à covid-19. (Gênero e Número, Cobertura Especial Covid-19, 14/05/20)

A escolha das fontes é uma característica relevante a ser observada, pois ao realizar um arranjo específico de atores e suas falas, a cobertura legitima suas vozes. Ao trazer à tona relatos, opiniões, questionamentos e experiências que falam a partir de pontos de vista de diferentes realidades enfrentadas por mulheres e demais populações vulneráveis, colocando em foco os marcadores sociais que atravessam as vivências, a cobertura atua em busca de combater a desinformação e proporcionar acesso a outras histórias, outras experiências, além de inserir sua posicionalidade sobre o acontecimento, e de buscar atuar como mediadora na resolução de problemas.

De modo sistemático, é possível mensurar o número de fontes, e algumas de suas características reveladas

pela narrativa, a partir da separação dos eixos temáticos, realizada no primeiro movimento de análise. Assim sendo, tem-se a seguinte contagem: *a) Fontes no eixo Desigualdades/Vulnerabilidades*: especializadas: 17, sendo três homens e 14 mulheres; e 18 fontes testemunhais, sendo 14 mulheres, 3 homens e 1 travesti; *b) Fontes no eixo Trabalho*: 33 especializadas, sendo 28 mulheres e cinco homens, na faixa etária dos 30 aos 50 anos; testemunhais são 17 fontes, todas mulheres; *c) Fontes no eixo Saúde*: especializadas são 23 fontes, divididas em 22 mulheres e um homem; testemunhais são 13, sendo 11 mulheres e dois homens; dentre essas estão mulheres e homens que se auto identificam como trans. Fontes na faixa etária de 20 aos 36 anos; *d) Fontes no eixo Maternidade*: oito especializadas, destas são sete mulheres e um homem; e testemunhais 14, todas mulheres entre 19 e 51 anos, a maioria na faixa dos 30 anos, que são mulheres periféricas, mulheres negras e donas de casas; por fim, *e) Fontes no eixo Violência*: seis especializadas, sendo cinco mulheres e um homem; testemunhais são 2, mulheres na faixa etária dos 40 aos 60 anos. Deste modo, as vozes dessas mulheres, principalmente em destaque como fontes especializadas, quebram um paradigma machista no campo do jornalismo que prioriza a opinião de homens quando necessita de informações especializadas e autorizadas, ou mesmo seu testemunho sobre determinado acontecimento.

Outra estratégia de comunicação destacada é a de identificação, acionada através do apelo à emoção e da apresentação do desabafo, as quais revelaram como o contar histórias ocupa um lugar essencial na exposição das experiências das mulheres, já que são os relatos que vão constituindo o imaginário social e que possibilitam criar redes de reconhecimento. Ao se identificar com a narrativa, o leitorado ativa em sua memória situações temporais diferentes, que possibilitam refletir sobre a pauta em questão a partir do compartilhamento de experiências individuais e coletivas, despertando emoções e articulando sentidos, significados e representações capazes de criar realidades e vínculos entre a dimensão da recepção, ou seja, de quem a cobertura especial busca alcançar e de quem efetivamente alcança, e daquelas que têm suas vidas narradas. Além disso, a identificação também é gerada pelo desabafo coletivo de problemas enfrentados pelas mulheres brasileiras, e reconhecidos nas vozes das personagens que protagonizam histórias na narrativa.

[...] “Esse mês eu consegui quatro diárias no valor de R\$150, mas só pude ir em três. Recebo R\$500 do bolsa família. *Desses R\$950, gasto R\$200 com a alimentação. Já gastei R\$100, que deu pra comprar dois pacotes de feijão, dois óleos, e seis leites. As crianças estão comendo cuscuz de manhã e arroz, feijão e macarrão no almoço, mas os alimentos não vão durar por muito tempo, e*

eu não sei como vou mantê-los”, conta. A maior quantia da renda mensal (R\$ 550) vai para o pagamento do aluguel. (Gênero e Número, Cobertura Especial Covid-19, 02/04/20)

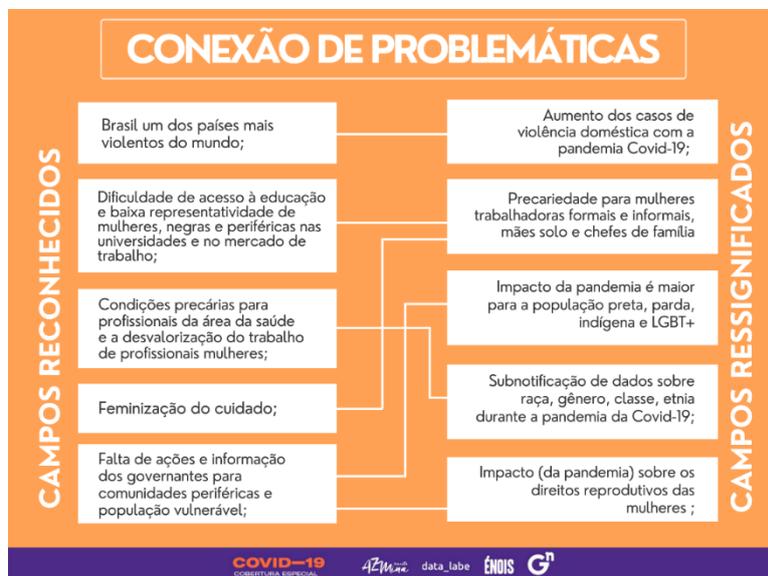
É importante para perceber *que não sou só eu que estou surtando*, é uma situação sem precedentes para todo mundo. *Mãe já nasce com culpa e, nessa rede, conseguimos perceber que não temos controle sobre o que está acontecendo.* (Gênero e Número, Cobertura Especial Covid-19, 10/05)

Os processos de precarização da vida de mulheres, em especial negras, periféricas e que contemplam outras diversidades, foram intensificados por conta da pandemia da Covid-19. Tais questões tornaram-se visíveis nos campos problemáticos expostos pela cobertura. Sejam eles reconhecidos ou ressignificados, estampam as desigualdades sociais do país, e como as mulheres e seus atravessamentos de raça, classe, territorialidade, sexo, geração e etnia são mais afetadas pela pandemia da covid-19 e suas consequências sociais, culturais e econômicas.

A narrativa revelou também os principais campos problemáticos da pandemia, e como as mulheres e seus atravessamentos de raça, classe, territorialidade, sexualidade e etnia foram mais afetadas pela crise sanitária e suas consequências sociais, culturais e econômicas. Ao se conectaram, os campos criaram uma rede de realidades paralelas, envolvidas em vulnerabilidades, situações de descaso, precariedade, violência e invisibilidade das experiências coletivas no combate ao coronavírus e suas ações. Neste sentido, o projeto da cobertura especial atuou coletivamente como uma aliança no enfrentamento da invisibilidade dessas pautas e das vozes que as representam.

Para cumprir sua proposta de ser uma cobertura sobre a pandemia no Brasil com foco em gênero, raça e territorialidade, as organizações envolvidas na cobertura utilizaram as estratégias de posicionalidade e identificação na construção da narrativa como um todo. Compreendemos que esse estilo não diz respeito apenas a um jornalismo de subjetividade, ou seja, uma maneira de “potencializar o jornalismo [...] uma forma de assegurar espaço para pessoas e grupos cujas representações foram historicamente mancadas” (Moraes & Gouveia, 2018, pp.111-112), mas uma produção de informação atravessada pela experiência, que aciona uma perspectiva feminista e interseccional durante todo o processo de atuação e produção de conteúdo, sem deixar de lado princípios centrais do campo jornalístico para a produção de informação. Neste mesmo caminho, identificou-se que a interseccionalidade também é uma escolha possível de ser trabalhada com mais complexidade, tornando-se uma potencialidade

Figura 2 –Campos problemáticos



Fonte: elaboração própria, 2022.

expressiva na busca por transformação na produção de informação e conhecimento por parte do jornalismo em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão sobre os resultados, destaca-se que a atuação coletiva entre as organizações durante o projeto é uma potencialidade que apresenta uma mudança de paradigma no campo do jornalismo. A proposta de cobertura afasta-se do modo competição que consome os veículos de comunicação do país e passa a atuar a partir da colaboração.

Ao propor uma narrativa sobre a pandemia que tem como foco uma perspectiva de gênero e suas interseccionalidades, a cobertura coletiva e colaborativa assumiu um desafio de falar por outro viés, diferente do que se observou na maioria dos veículos de comunicação do Brasil e do mundo. Cláudia Lago et al. (2020) relatam que uma pesquisa realizada nos países da Inglaterra, Quênia, Estados Unidos, África do Sul, Nigéria e Índia sobre matérias jornalísticas da covid-19, constatou a invisibilidade das mulheres nas narrativas. De acordo com as autoras, o relatório indica que “as vozes (rostos) das mulheres foram marginalizadas na cobertura da pandemia, mais do que o costureiro” (Lago et al., 2020, p.100). Em relação ao Brasil, ao analisar o caderno “Boas ações na pandemia”, de *O Globo*, as autoras concluem, dentre outras coisas, que “nenhuma das matérias, ao tratar especificamente da covid-19, adota uma perspectiva de equidade gênero que dê conta da forma específica como mulheres e homens são atravessados pela pandemia” (Lago et al.,

2021, p.104), ou seja, a transformação desse panorama ainda é uma luta existente no campo do jornalismo, principalmente no período pandêmico.

Observa-se que o jornalismo feito pelo projeto analisado pretendeu atuar como voz solidária, buscando participar da mesma experiência de suas leitoras, embora como narrador privilegiado, um posicionamento que revela o engajamento que busca a narrativa da experiência. Há, porém, algumas limitações na realização do projeto. A mais significativa é com relação à distribuição dos conteúdos produzidos na página da *Gênero e Número*, que ainda alcança um público muito restrito, formado especialmente por mulheres, graduadas, residentes no sul e sudeste do Brasil.

Pensar a narrativa de acontecimentos extremos no jornalismo contemporâneo, como é o caso da cobertura analisada, requer romper determinadas barreiras que predominam não só nos estudos de jornalismo, como também no entendimento de suas práticas. As características desse acontecimento talvez sejam um novo despertar para o jornalismo como um todo, especialmente na prática profissional, um sinal de que novos caminhos precisam ser traçados e novos modos de contar histórias e apresentar personagens e realidades devem surgir, para além de um nicho específico de produção de conteúdo e informação – como é o caso das organizações independentes e feministas.

Data de submissão: 13 de julho de 2023

Data de aceite: 12 de setembro de 2024

NOTES

¹ “O compromisso político da teoria do ponto de vista feminista não é o da visão geral de que o conhecimento cria poder social e o poder social permite a produção do tipo de conhecimento que esses poderes precisam. É também um compromisso com as maneiras particulares pelas quais essas relações de conhecimento / poder operam, entre outros lugares, em agendas públicas e contextos disciplinares”. (HARDING, 2009, p. 196, tradução nossa).

² O crowdfunding é um elemento significativo do processo de mídia-

tização contemporâneo e possui sempre uma base cultural, conforme indicam Saad e Felitti (2015). Ainda, “seja como uma modalidade de financiamento cultural – já que a maioria das proposições se origina deste campo, seja como movimento de base coletiva, é quase que direta a relação entre crowdfunding e cultura” (SAAD& FELITTI, 2015, p. 117). A prática também convoca o profissional jornalista a assumir novas atribuições e experiências.

REFERÊNCIAS

- Amaral, M. (2020, 14 de abril). Regras absolutas não servem na cobertura de acontecimentos extremos. Entrevista ao objETHOS, *Observatório da Imprensa*. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objethos/marcia-amaral-regras-absolutas-nao-servem-na-cobertura-de-acontecimentos-extremos/>
- Assis, E., et al. (2017). Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 4(1), 3-20.
- Borela, S. (2022). *Mulheres e Covid-19: a mobilização de experiências em uma narrativa jornalística feminista interseccional da pandemia no Brasil* [Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)].
- Costa, J. G. (2018). *Jornalismo Feminista: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)].
- Figaro, R. (2014). Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. *Revista Parágrafo*, 2(2), julho-dezembro.
- Guilherme, A. C. M. M., et al. (2019). Jornalismo de dados e o combate à violência contra as mulheres: um estudo sobre a Gênero e Número. *Revista Latino-americana de Jornalismo*.
- Harding, S. (2009). A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In H. B. Hollanda (Ed.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 07-42.
- Lago, C., et al. (2020). A pandemia não tem rosto de mulher. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*.
- Moraes, F., & Gouveira, D. (2018). Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In M. Marta & M. Martinez (Eds.), *Narrativas Midiáticas Contemporâneas – Perspectivas Metodológicas*.
- Moraes, F., & Veiga da Silva, M. (2019). A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós*.
- ObjETHOS – Observatório da Ética Jornalística. (2020). *Guia de cobertura ética da COVID-19*. Florianópolis.
- ONU Mulheres. (2021). Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta.
- Oliveira, V. (2021). *A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos* [Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul].
- Ribeiro, M. (2020, 2 de junho). A cobertura da pandemia do novo coronavírus trouxe maior credibilidade ao jornalismo. *Observatório de Imprensa*. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus-covid-19/a-cobertura-da-pandemia-do-novo-coronavirus-trouxe-maior-credibilidade-ao-jornalismo/>
- Santos, H. S. (2019). *Jornalismo e produção de conhecimento no movimento feminista: análise do Think Olga e Revista Azmina* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”].
- Schander, G. B., & Bertasso, D. (2019). Revista AzMina e o jornalismo como forma de conhecimento. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, 6(2), 35-52.

Jornalismo em tempos de covid-19: as potencialidades de uma cobertura colaborativa e em perspectiva de gênero da pandemia no brasil

Le journalisme à l'heure du covid-19 : le potentiel d'une couverture collaborative avec une perspective de genre de la pandémie au Brésil

Journalism in the time of Covid-19: the potential of collaborative coverage with a gender perspective of the pandemic in Brazil

Periodismo en tiempos de covid-19: potencialidades de una cobertura colaborativa y con perspectiva de género de la pandemia en Brasil

Pt. Este trabalho propõe uma análise da cobertura jornalística independente e colaborativa *Especial Covid-19*, com o objetivo de compreender a construção narrativa da pandemia no Brasil e seu foco em gênero e interseccionalidades. Investiga-se os conteúdos da iniciativa coordenada pela organização de mídia *Gênero e Número* - em parceria com *Revista Azmina, Énois e data_labe*, através de uma metodologia combinada. No primeiro momento, aplica-se a pesquisa quantitativa com a coleta de 49 reportagens, publicadas entre 2020 e 2021. Com a *Análise Feminista da Narrativa Jornalística*, aplicada no segundo momento, de pesquisa qualitativa, verificou-se que a *Especial Covid-19* apresenta a narrativa com base em temas como Desigualdades/Vulnerabilidades; Trabalho, Saúde, Maternidade e Violência contra a mulher. Para isso, faz uso de estratégias comunicativas de posicionalidade, ativadas na dimensão da produção, que se manifestam em a) autorreferência, b) territorialidade, c) escolha de fontes, d) denúncia, e) mediação e trânsito de informações e f) orientações pedagógicas, e de identificação – apelo à emoção e desabafo – a partir de experiências que criam o reconhecimento. Além disso, as narrativas revelam campos problemáticos que estampam as desigualdades sociais do país, e demonstram como as mulheres e seus atravessamentos de raça, classe, territorialidade, sexualidade e etnia foram mais afetadas. A proposta da cobertura afasta-se do modo competição que consome os veículos de comunicação do país, e passa a atuar a partir da colaboração. A análise permitiu observar práticas transformadoras a partir de um conhecimento situado, e vinculadas a princípios jornalísticos consagrados e frequentes, e da atuação colaborativa, que conferem à Cobertura Especial um modo diferenciado e inovador de produzir conhecimento e informação qualificada e plural. As características desse acontecimento talvez sejam um novo despertar para o jornalismo, especialmente na prática profissional, um sinal de que novos modos de contar histórias precisam ser traçados para apresentar personagens e realidades diversas.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Covid-19. Jornalismo colaborativo. Jornalismo e Gênero. Interseccionalidades

Fr. Cet article se penche sur la la couverture journalistique indépendante et collaborative *Especial Covid-19*, afin de mieux saisir la construction narrative de la pandémie au Brésil et l'accent mis sur le genre et les intersectionnalités. Les contenus produits par cette initiative, coordonnée par l'organisation médiatique *Gênero e Número* en partenariat avec *Revista Azmina, Énois et data_labe*, ont été analysés en appliquant une méthodologie combinée. Une étude quantitative a d'abord été réalisée sur 49 reportages publiés entre 2020 et 2021. Dans une deuxième phase, de nature qualitative, l'analyse féministe de la narration journalistique a montré qu'*Especial Covid-19* s'appuie sur des thèmes tels que les inégalités/vulnérabilités, le travail, la santé, la maternité et les violences envers les femmes. Pour ce faire, les stratégies de communication mobilisées lors de la production renvoient à la positionnalité et se manifestent par a) l'autoréférence, b) la territorialité, c) le choix des sources, d) la dénonciation, e) la médiation et la circulation de l'information et f) les conseils pédagogiques et l'identification – en faisant jouer l'émotion et le besoin de s'épancher – sur la base d'expériences qui créent la reconnaissance. Les récits révèlent aussi des problématiques qui mettent en exergue les inégalités sociales du pays et montrent que les femmes, en lien avec les enjeux de race, de classe de territorialité, de sexualité

et d'ethnie, ont été les plus touchées. La couverture proposée s'éloigne du modèle compétitif qui absorbe les médias brésiliens, pour adopter une démarche de collaboration. L'analyse a permis d'observer des pratiques transformatrices qui reposent sur des savoirs situés, en lien avec des principes journalistiques établis et répandus, ainsi que sur l'action collaborative. *Especial Covid-19* a ainsi pu produire des connaissances et des informations de qualité et plurielles d'une manière différente et innovante. De telles caractéristiques pourraient constituer un renouveau du journalisme, en particulier dans la pratique du métier, et le signe que de nouvelles façons de raconter les histoires doivent être conçues pour présenter des personnages et des situations diverses.

Mots-clés : Narration journalistique, Covid-19, Journalisme collaboratif, Journalisme et genre, Intersectionnalités.

En. This article looks at the independent and collaborative journalistic coverage of *Especial Covid-19*, in order to better understand the narrative construction of the pandemic in Brazil and the emphasis placed on gender and intersectionalities. The content produced by this initiative, coordinated by the media organisation *Gênero e Número* in partnership with *Revista Azmina*, *Enois* and *data_labe*, was analysed using a combined methodology. A quantitative study was first carried out on 49 reports published between 2020 and 2021. In a second phase, of a qualitative nature, the feminist analysis of journalistic narration showed that *Especial Covid-19* focuses on themes such as inequalities/vulnerabilities, work, health, motherhood and violence against women. To this end, the communication strategies mobilised during production refer to positionality and are manifested by a) self-reference, b) territoriality, c) the choice of sources, d) denunciation, e) mediation and the circulation of information and f) educational advice and identification – by bringing emotion and the need to express oneself into play – based on experiences that create recognition. The stories also reveal issues that highlight the country's social inequalities and show that women, in relation to issues of race, class, territoriality, sexuality and ethnicity, have been the most affected. The proposed coverage moves away from the competitive model that absorbs the Brazilian media and adopts a collaborative approach. The analysis revealed transformative practices based on situated knowledge, in line with established and widespread journalistic principles, as well as on collaborative action. *Especial Covid-19* was thus able to produce quality and plural knowledge and information in a different and innovative way. Such characteristics could constitute a renewal of journalism, particularly in the practice of the profession, and a sign that new ways of telling stories must be devised to present diverse characters and situations.

Keywords: Journalistic narration, Covid-19, collaborative journalism, journalism and gender, intersectionalities.

Es. Este trabajo propone un análisis de la cobertura periodística independiente y colaborativa *Especial Covid-19*, con el objeto de comprender la construcción narrativa de la pandemia en Brasil y su enfoque de género e interseccionalidades. Se investigaron los contenidos de la iniciativa coordinada por la organización mediática *Gênero e Número*, en colaboración con *Revista Azmina*, *Énois* y *data_labe*, utilizando una metodología combinada. En una primera etapa, se realizó una investigación cuantitativa mediante la recopilación de 49 reportajes publicados entre 2020 y 2021. A través del análisis feminista de la narrativa periodística, aplicado en la segunda etapa, de investigación cualitativa, se constató que el *Especial Covid-19* presenta una narrativa basada en temas como Desigualdades/Vulnerabilidades, Trabajo, Salud, Maternidad y Violencia contra las mujeres. Para ello, utilizó estrategias comunicativas de posición, activadas en la dimensión de la producción, que se manifiestan a través de a) autorreferencia, b) territorialidad, c) elección de fuentes, d) denuncia, e) mediación y tránsito de información, y f) orientaciones pedagógicas y de identificación —apelación a la emoción y desahogo—, a partir de experiencias creadoras de reconocimiento. Además, las narrativas revelaron áreas problemáticas que ponen de relieve las desigualdades sociales del país, y demuestran cómo las mujeres y

sus intersecciones de raza, clase, territorialidad, sexualidad y etnia fueron las más afectadas. La cobertura propuesta se alejó del modo competitivo que consume a los medios de comunicación del país, para actuar en base a la colaboración. El análisis permitió observar prácticas transformadoras basadas en un conocimiento situado, vinculadas a principios periodísticos consagrados y frecuentes, y a la actuación colaborativa, que confieren a la cobertura especial una forma diferenciada e innovadora de producir conocimiento e información calificada y plural. Las características de este acontecimiento tal vez representen un nuevo despertar para el periodismo, especialmente en la práctica profesional, una señal de que se deben trazar nuevas formas de contar historias para presentar realidades y personajes diversos.

Palabras clave: narrativa periodística, covid-19, periodismo colaborativo, periodismo y género, interseccionalidades.

